

Revista Brasileira de Ciências Humanas

ISSN 3085-8178

vol. 2, n. 2, 2026

... ARTIGO 14

Data de Aceite: 10/03/2026

MIGRAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E HIBRIDISMO CULTURAL: A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DA POPULAÇÃO DE ANAPU-PA

Jéssica Gonçalves Figueiredo

Maria Bárbara da Costa Cardoso



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Resumo: A pesquisa tem como objetivo compreender o processo de formação identitária da população do município de Anapu, no Estado do Pará, a partir migração impulsionada pelas políticas que foram implementadas durante os anos 70, especialmente a partir da abertura da Rodovia Transamazônica, como espaço de construção sociocultural e ressignificação da identidade. Esta pesquisa tem como objetivo analisar como os fluxos migratórios e as políticas de integração nacional contribuíram para a constituição sociocultural de Anapu, considerando o território como espaço de poder, adaptação e resistência, marcado pela interação entre sujeitos de diferentes regiões do país. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se fundamenta na análise bibliográfica de autores como Hall (2006); Canclini (2013); Sayad (1998); Bauman (2001), entre outros, que discutem conceitos de identidade, hibridismo cultural, migração, mobilidade e relações de poder, categorias centrais deste estudo. Na pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas e análises documentais que permitiram compreender como se deu o processo de ocupação do município, seus objetivos no contexto dos Planos Nacionais de Desenvolvimento e sua importância no cenário sociocultural amazônico. As considerações apontam que o município é o resultado de encontros culturais diversos, marcados por processos de adaptação dos sujeitos, pela incorporação e ressignificação de novas vivências e símbolos, apresentando características híbridas que revelam a sobreposição de valores, visões de mundo e experiências migratórias ligadas à história de sua formação.

Palavras-chave: Migração. Desenvolvimento. Hibridismo Cultural. Identidade. Anapu-PA.

INTRODUÇÃO

Os movimentos populacionais, os processos de globalização na contemporaneidade e o aumento dos contatos interculturais têm ocupado um lugar de destaque nas discussões acerca da identidade cultural nas ciências humanas e sociais. Nessa perspectiva, compreende-se as identidades como construções dinâmicas e atravessadas por múltiplas influências culturais ao longo da história, em oposição à visão fixa e homogênea do passado. A referida proposta de investigação foca nos processos de formação identitária da população do município de Anapu, no Estado do Pará, a partir das raízes socioculturais locais. A pesquisa busca compreender como diferentes influências culturais e sociais se entrelaçam na construção das identidades coletivas na cidade, utilizando uma abordagem multidisciplinar que inclui a análise de narrativas locais, práticas culturais e dinâmicas sociais. **Desse modo, o presente estudo contribui para o debate acerca da identidade e hibridismo cultural, discorrendo sobre as interações culturais na diversidade.**

A pesquisa surgiu desde a chegada desta pesquisadora ao município, em 2019, ao perceber que a sociedade anapuense era caracterizada por um mosaico de tradições oriundas de diversas regiões do Brasil, e que não se encaixavam aos padrões de outras regiões do próprio Estado, em especial, a de sua vivência, **na Região do Baixo-Tocantins, no município de Abaetetuba, evidenciando, assim, um cenário socio-cultural de múltiplas referências identitárias**, de modo que, ao longo das vivências, impressionou-se ao observar uma rede complexa de influências culturais que coexistem e se entrelaçam de maneira singular,

as quais, ao longo do tempo, foram formando a identidade local.

Por conseguinte, a curiosidade inicial se consolidou ao aprofundar a compreensão teórico-metodológica sobre o tema, a partir da leitura dos textos de Stuart Hall (2006), que compreende a identidade como uma construção histórica e relacional; Peter Burke (2010) que, em seus estudos, analisa os processos de circulação cultural e os encontros entre tradições; e Néstor García Canclini (2013), que aponta o hibridismo como elemento constitutivo das culturas latino-americanas contemporâneas. Tal conhecimento inicial culminou nos seguintes questionamentos: como os processos de hibridismo cultural contribuem/contribuíram ao longo do tempo para a formação de identidades coletivas emergentes em Anapu e qual o papel exercido pelos pioneiros da Transamazônica nesse processo?. Nessa perspectiva, este artigo pretende analisar como os fluxos migratórios impulsionados pelos Planos Nacionais de Desenvolvimento contribuíram para a formação da identidade cultural do município de Anapu, partindo da premissa que a identidade local é uma construção histórica e não estática, que se desenvolve a partir de encontros culturais e da adaptação social.

As riquezas oriundas da herança cultural de um município são resultado de um processo histórico que envolve diversos sujeitos sociais, cada qual contribuindo para a formação identitária local. Assim se configura o município de Anapu, riquíssimo no âmbito étnico-cultural, oferecendo à sua população não somente historicidade, mas o resultado de diversas interações de raças, pensamentos e modos de vida, configurando um espaço de constante negociação cultural.

Inicialmente, sabe-se que o município tem suas origens associadas à ocupação da Amazônia induzida pelo Plano de Integração Nacional (PIN), ocorrido no ano de 1970, criado pelo governo Emílio Médici, por meio do Decreto-Lei nº 1.106, cujo lema central era “integrar para não entregar”, o que promoveu um fluxo intenso de migrantes para a região e, por conseguinte, o encontro de diferentes grupos sociais que construíram as bases do cenário cultural diverso e por conflitos sociais. Dessa forma, se o município pudesse ser observado a partir do cosmos, seria visto como um ponto visivelmente desmatado, localizado na grande espinha dorsal, como é costumeiramente chamada a Transamazônica (BR-230). No entanto, observando o local a partir de sua dinâmica interna, observa-se a complexa realidade sociocultural e econômica.

Nesse contexto, cunhado em um intercâmbio de culturas nem sempre amistosas — do indígena, do proprietário sulista, do trabalhador nordestino, dos posseiros e dos grileiros —, Anapu carrega marcas profundas da interação entre os mais diferentes segmentos sociais, que alimentaram sua corrida particular ao “Eldorado” ou, de forma mais concreta, à posse da terra e à sobrevivência, resultando em uma diversidade identitária marcada por conflitos, resistências e reorganização simbólica.

Nesse sentido, os resultados dessa “sopa primordial” apontam para uma rica diversidade cultural decorrente da confluência de diferentes grupos étnicos e sociais ao longo do tempo. Compreender, portanto, como essas influências diversas moldam as identidades coletivas dos indivíduos anapuenses torna-se fundamental para analisar a dinâmica social do local. No entanto, para a construção da pesquisa, observa-se a

carência de estudos que analisem os processos de hibridismo cultural e a construção de identidade em municípios amazônicos que foram formados a partir de projetos de colonização, como é o caso de do local em questão.

Este estudo é relevante para o campo da antropologia e da sociologia, pois oferece uma análise aprofundada sobre os processos identitários em contextos de hibridismo cultural na Amazônia. Além disso, a pesquisa pode fornecer subsídios importantes para a formulação de políticas públicas voltadas à valorização e à preservação das culturas locais, promovendo a inclusão social e o desenvolvimento comunitário. Diante desse contexto, a problemática que norteia este estudo consiste em compreender de que forma os processos de hibridização cultural contribuíram para a construção da identidade da população de Anapu-PA, levando em consideração os aspectos históricos, migratórios e interacionais que estabelecidos ao longo do tempo.

À vista disso e considerando a Linha de Pesquisa 04: Sociedade, Representações e Tecnologias (SRT), busca-se demonstrar — por meio da análise de registros históricos e depoimentos de pioneiros, filhos de pioneiros e autoridades locais — que a identidade e a cultura local são fortemente marcadas por traços de hibridismo cultural, que formam a identidade cultural atual.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA OU REVISÃO DA LITERATURA

As três etnias bases do hibridismo brasileiro

Ao observar a história do Brasil, especialmente o modo de vida as memórias de seus municípios, constata-se a existência de diversas interseções humanas no campo étnico, da arte e da cultura. Desse modo, a formação social brasileira pode ser compreendida como resultado de um processo histórico marcado por encontros, tensões e intercâmbios culturais entre diferentes matrizes formadoras. Essas interações, apesar de serem construídas no tempo e no espaço definidos, propagaram-se ao longo dos anos em diversos ambientes (DIAS, 1998), possibilitando o surgimento de novas populações, que tiveram influência direta dos “indígenas, quilombolas, caboclas ribeirinhas e da floresta, sem-terra, assentadas, pescadores, camponesas, posseiras, migrantes, oriundas, especialmente, das regiões nordeste e do centro-sul do país, entre outras populações” (CORRÊA; HAJE, 2011, p.7). Esse cenário evidencia que o hibridismo constitui elemento estruturante da constituição identitária brasileira.

A partir do exposto, Anapu é um município que pode ser definido a partir dessas interações, uma vez que, em sua existência étnica, três elementos humanos básicos foram responsáveis pelo início da construção de sua identidade: o negro, o indígena e o branco, oriundos de diversos lugares do Brasil, cada qual carregado de experiências culturais, artísticas e memórias. Essas três matrizes correspondem às bases da formação social brasileira, objetos de análise pela historiografia e pela antropologia como fundamentos da identidade nacional. Aqui, destaca-se a complementariedade dessas etnias, cujas interações não provocaram perdas, mas sim um reforço identitário em cada uma delas, na medida em que seus elemen-

tos culturais foram sendo ressignificados e incorporados às práticas sociais locais.

A confluência de tantas e tão variadas matrizes formadoras poderia ter resultado numa sociedade multiétnica, dilacerada pela oposição de componentes diferenciados e imiscíveis. Ocorreu justamente o contrário, uma vez que, apesar de sobreviverem na fisionomia somática e no espírito dos brasileiros os signos de sua múltipla ancestralidade, não se diferenciaram em antagônicas minorias raciais, culturais ou regionais, vinculadas a lealdades étnicas próprias e disputantes de autonomia frente à nação (RIBEIRO, 1995, p. 20).

Compreende-se, de acordo com o autor acima, que o hibridismo brasileiro resulta da interação histórica entre essas matrizes formadoras, processo que, embora marcado por assimetrias e conflitos, produziu novas formas de pertencimento e identidade coletiva. No contexto específico de Anapu-PA, essas bases étnicas assumem contornos próprios, evidenciando que a construção identitária local se insere em uma dinâmica mais ampla da formação social brasileira.

A compreensão da identidade adotada neste estudo fundamenta-se na perspectiva de Stuart Hall (2006), para quem a identidade é um processo em constante construção, deslocamentos e transformações históricas. Nessa abordagem, as identidades não são fixas, mas formadas e reformadas continuamente. O conceito de hibridismo

cultural é articulado a partir de Néstor García Canclini (2008), que entende a cultura latino-americana como resultado de processos de mistura e interpenetração de matrizes culturais distintas. No caso de Anapu, tal conceito possibilita compreender a incorporação de elementos nordestinos, ribeirinhos e sulistas na formação cultural local. A análise da migração dialoga com Abdelmalek Sayad (1998), que compreende o fenômeno migratório como experiência de ruptura e reconstrução de pertencimentos. Por fim, Zygmunt Bauman (2001) contribui para entender a mobilidade como característica da modernidade, marcada pela instabilidade e pela fluidez das relações sociais.

De fato, o fenômeno da complementariedade constituiu elemento marcante na construção cultural, de modo específico de Anapu. Quando analisadas de forma isolada, pode-se inferir que as três etnias bases são distintas — e de fato o são, considerando os aspectos geográficos, históricos e culturais —, no entanto, revelam-se interdependentes, complementando-se de tal forma que se torna visível a unicidade cultural dessa expressão. Essa dinâmica evidencia que a identidade local não é resultado de sobreposição, mas de articulação simbólica entre matrizes diversas.

A mesma expressão pode ser uma forma pessoal de entender algumas trajetórias de grupos e experiências de vida com as quais uma cidade foi se revelando, com a ajuda de reminiscências perpassadas nas partilhas dos eventos artísticos (entendidos aqui como usos simbólicos das práticas culturais ritualmente estabelecidos),

nos testemunhos e imagens que observamos as vivências ciclicamente sentidas e coletivamente renovadas na comunidade da arte (GOMES, 2013, p.18).

Um exemplo expressivo dessa complementariedade é a herança deixada pelos povos indígenas na construção da identidade cultural de vários municípios. Tal herança manifesta-se não apenas nos nomes de rios e igarapés, mas também na alimentação, nos instrumentos de pesca e nos utensílios domésticos, como o matapi, o pari e o tipiti, além da pesca de gapuia e do consumo cotidiano da farinha. Esses elementos evidenciam a permanência de saberes tradicionais que estruturam modos de vida ribeirinhos. Nesse sentido, “Os papa-chibé, também um dos desdobramentos semânticos daqueles que são considerados comedores de farinha, herança de nossos índios” (GOMES, 2013, p.84).

Os negros foram fundamentais no processo produtivo e na conformação sociocultural local. Para além da dimensão econômica, deixaram marcas vivas por meio dos ritmos musicais, das comidas, das danças e da religiosidade. Assim, “os usos e costumes está contido nos hábitos alimentares, na habitação, na vida comunitária e por vezes no próprio isolamento na beirada dos rios, a que muitos foram sendo forçados a viver, re-fazendo, na paisagem amazônica, a imagem da palafita africana” (SALLES, 2004, p.6).

A presença do europeu na Amazônia surge sob uma lógica exploratória, justificada pelo projeto “civilizador” dos brancos em relação aos outros povos. Em sua bagagem trouxeram a cruz e a espada como elementos de controle, reconfigurando a paisagem em uma organização voltada ao lucro comercial

e à posse dos espaços culturais e religiosos, com a implantação do catolicismo e a subjugação das práticas consideradas externas ao seu eixo moral (GOMES, 2013).

Assim, a cidade de Anapu foi sendo construída por meio de sucessivas ressignificações das crenças e costumes das populações que passaram a compor o município. Atualmente, ao observar o contexto sociocultural de Anapu, constata-se a heterogeneidade de sua população, a forte influência indígena e negra, acrescida de elementos europeus que, do ponto de vista sociocultural, se alimenta dessas três matrizes. Nesse sentido, torna-se fundamental que a identidade cultural de Anapu seja analisada sob esse viés sociocultural, uma vez que:

Diversos fatores interferem na construção da identidade cultural, dentre eles: os sistemas de representação cultural e social, os processos imaginários e as relações de poder que se estabelecem entre os diversos grupos sociais. Assim, destacamos a importância desses mecanismos para compreendermos o processo de construção da identidade cultural das populações ribeirinhas da Amazônia (VASCONCELOS, 2010, p. 40).

Segundo a autora, os dois fatores iniciais (os sistemas de representação cultural e social), associam-se à hegemonia do sistema político, que pode direcionar as formas de identidade socialmente legitimadas. Já os processos imaginários e as relações de poder moldam a identidade cultural, evidenciando

que ela é historicamente construída. Cada ponto analisado contribui para compreender como a identidade cultural se forma ao longo do tempo, por isso:

Nas interpretações da Amazônia onde convivem em harmonia caráter científico, o tom impressionista e as observações sobre o cotidiano, com muita frequência transparece sob a ótica de quem contempla uma espécie de maravilhamento face ao que é, ou parece ser, desmedidamente grande, ou belo, ou forte (LOUREIRO, 1995, p.95).

Na busca de compreensão dos processos identitários de um povo, é necessária uma investigação que evite a superficialidade da noção de identidade, já que essa noção geralmente está associada a um fenômeno social e dinâmico, se mostrando como um processo de construção e reconstrução, o qual é afetado diretamente pelas relações de poder, destacando que “as esferas simbólicas e subjetivas ganharam maior espaço e legitimidade na análise social” (ENNES e MARCON, 2014, p. 6).

Ou seja, a identidade não está definida e acabada, ela se refaz constantemente por meio das diversas interações, as quais podem se apresentar de diversas naturezas, como exemplo deste fato temos que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 7).

Para um olhar de um visitante, Anapu impressiona pelo cotidiano de encantamento e singularidade que seu povo revela, isso decorre da forma como seus habitantes compartilham experiências e constroem sentidos coletivos de pertencimento.

[...] a identidade é parte fundamental do movimento pelo qual os indivíduos e os grupos compreendem os elos, mesmo que imaginários, que os mantêm unidos. Compartilhar identidade é participar, com os outros, de determinadas dinâmicas da vida social – nacional, religiosa, linguística, étnica, racial, de gênero, regional, local (MOREIRA E MACEDO, 2002, p. 13).

A cultura de Anapu oferece a seus moradores e visitantes uma abertura à experiência de vida, concretizada por meio de suas múltiplas formas de expressão, do acolhimento cotidiano às manifestações culturais e sociais, das práticas alimentares à forma singular de ser, configurando um campo simbólico no qual identidade, memória e pertencimento se articulam continuamente (GOMES, 2013).

Os processos identitários de formação cultural

Atentos aos ambientes sociais, percebe-se que as ditas crises de identidades nada mais são do que a expressividade visível de mudanças estruturais. Isto ocorre em todos os âmbitos sociais, o que infere o fato de que nada está absolutamente estável e passível de mudanças; tudo gira em torno às mudanças, gerando novas compreensões sobre o

papel do sujeito no mundo. Isso pode ser observado quando, do ponto de vista temporal, entendia-se na pré-modernidade que a identidade nacional era apenas uma questão de nascimento a um local específico (BAUMAN, 2005). Nesse período, não se tinha relevância, do ponto de vista sociológico, para questões como a identidade em sua essência, pois o destino do indivíduo era selado pela sua origem geográfica e familiar.

No entanto, a partir do momento em que a identidade passou a ser entendida como uma construção individual, emerge a necessidade de maior compreensão sobre essa temática. Cronologicamente, isso acontece no período da modernidade, em que questões de biografia individual se alinham com o conceito de identidade. Neste período, toma-se a iniciativa da identificação no cenário sociológico, ou seja, os traços que cada pessoa apresentava na sociedade diziam muito sobre sua identidade, “por exemplo, para ser considerado burguês, não bastava ter nascido em família de burgueses, tinha que agir como burguês, falar como burguês, sentir como burguês” (MIRANDA, 2018, p. 16). Essa performance social, portanto, passou a ser o divisor de águas na definição do “eu” perante o “outro”.

Aqui, destaca-se que a busca da afirmação identitária era percorrida por caminhos bem definidos, claros e imutáveis durante o percurso. Nesse período, não se tinha incertezas quanto a autoidentificação; tudo era estável, definido por leis sociológicas claras. Não havia hesitação; tudo era envolto de certezas absolutas, como um manual de leis imutáveis. Bastava seguir a cartilha social oferecida pelas instituições, as quais eram confiáveis, duradouras e seguras, ou seja, emanavam segurança e confiança. O futuro de quem seguia esse itinerário era previsível,

como se a identidade fosse uma ciência exata, estabelecida por uma fórmula que nunca falharia e que sempre geraria o mesmo resultado (ENNES e MARCON, 2014), consolidando o que chamamos de identidades sólidas.

Alguns elementos podem ser tomados como características desse período e que permitem uma compreensão mais apurada do processo de construção da identidade na trajetória cronológica da sociedade. Isso contribui para que análises e inferências sejam realizadas assertivamente sobre a construção do processo identitário, visando mostrar que se trata de um fenômeno sociológico dinâmico, influenciado por toda mentalidade e vivência social.

Nesse período, o que se observou foi uma supervalorização do individualismo, a ponto de entender que o mesmo passa a ser referência de suas decisões, já que consegue se situar frente a moral estabelecida. Assim, a identidade se apresentava como algo pessoal e insólito, diferentemente das identidades coletivas. Ou seja, houve o processo de individualização do sujeito social, mostrando que ele também era agente ativo e que deveria fazer parte da dinamicidade da sociedade (BAUMAN, 2001). O sujeito, agora emancipado, torna-se o arquiteto de sua própria trajetória.

A identidade moderna estava vinculada à racionalização, pois se tratava de uma forma de compreensão de mundo em que as grandes descobertas científicas, em todas as áreas, serviam de base e fundamentação na busca de entendimento, tanto do ponto de vista individual quanto de mundo. Assim, a identidade desse período era influenciada pela razão e ciência, e os indivíduos tinham como características o pensamento crítico, oriundo de reflexões e questionamentos a

toda forma de estrutura que ia contra a forma racional de pensamento (NORONHA et al, 2022). A lógica e a prova científica substituíram os dogmas inquestionáveis do passado.

Um fenômeno interessante emerge na modernidade: por conta da efetivação identitária, foi possível a mobilidade social, algo nunca visto de maneira tão intensa. Uma vez que as pessoas não estavam mais reféns de questões limitadas pela geografia e diferença de classes, a ideia presente era que existia a possibilidade de mudança, ultrapassar fronteiras sociais e geográficas, não ser mais limitada por uma identidade nacional de nascimento e sim aspirar transições sociais entre as classes (TEIXEIRA e CAMARGO, 2015). Esse novo dinamismo reconfigurou os espaços urbanos e as relações de trabalho.

Também pode-se evidenciar novas questões vinculadas à identidade moderna, como uma forte secularização, tornando o indivíduo responsável na busca por sentido e propósito existencial sem perpassar pelas estruturas religiosas já estabelecidas. Assim, foi-se adquirindo novas compreensões de outras culturas e formas de vidas mais urbanas, o que desencadeou na prática do consumismo, expressando por meio dele sua identidade. Nesse sentido, a pessoa passa a ser definida a partir do que compra e consome; a identidade tem reflexo do consumo. Aliado a tudo isso, passou-se a compreender a existência de outras identidades, desde orientações sexuais, perpassando por etnias. Pode-se dizer que, na identidade moderna, a ideia era valorizar a diversidade e a pluralidade (ENNES e MARCON, 2014), mesmo que essa liberdade trouxesse consigo o peso da escolha constante.

Essas novas características da identidade moderna causaram rápidas mudanças

significativas na sociedade, influenciando na construção de uma vida social mais complexa, o que afetou diretamente as novas estruturas sociais, culturais, políticas e econômicas, gerando a crise de identidade, já que:

Diante das incertezas que se apresentarem, é melhor estar preparado para todas as possibilidades. É nesse ambiente incerto, fluido, que as pessoas vivem e precisam escrever suas biografias, formar e reinventar suas identidades em cada vez menor intervalo de tempo. A sociedade age agora de forma inesperada, não previsível, não localizável. Ela é volátil e versátil. Bauman indica que nesse ambiente só é possível viver com uma estratégia que leve a pessoa a derrotar a sociedade na sua própria maneira de jogar. É preciso adquirir a capacidade de mudança incessante, a habilidade de terminar rapidamente o que começou e partir para um novo começo. Não é mais possível construir uma identidade duradoura (MIRANDA, 2018, p. 17).

Consequentemente, emerge o que chamamos de Crise de Identidade: a rápida mudança e a complexidade da sociedade moderna também levaram a uma sensação de crise de identidade para muitos indivíduos, que lutam para encontrar um sentido de pertencimento em um mundo em constante transformação. Esse cenário de transição é o que fundamenta os processos identitários contemporâneos, especialmente em contextos de formação cultural híbrida como a anapuense.

Pode-se falar em identidade no contexto da pós-modernidade?

Saber situar os elementos identitários nos dias atuais é uma prática desafiadora. Isso porque, o Bauman (2001), em sua obra

“A modernidade líquida”, faz uma análise desse início de século XXI, o chamado mundo pós-moderno. Em sua abordagem, acerca de algumas características de como as pessoas se encontram influenciadas por essa realidade, modificando suas formas de pensar, agir, de se relacionarem consigo e com os outros. Em termos comparativos, Bauman utiliza da propriedade física dos fluidos para explicar como acontece esse fenômeno. Assim ele explica:

O que todas essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao

descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro. Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas (BAUMAN, 2001. p. 7).

Deve-se atentar que o fenômeno da fluidez invadiu os setores da vida humana e sua influência é forte, causando perdas de referências, afetando diretamente o ser humano atual, causando a tendência de não buscar um conhecimento sobre sua origem enquanto membro de uma população. Desse modo, saber compreender como pensam as pessoas do mundo da modernidade líquida e suas necessidades são referência essenciais para se poder contextualizar as questões identitárias de hoje, possibilitando que inferências sejam realizadas de forma efetiva diante da realidade líquida, já que “o que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos “poderes de derretimento” da modernidade” (BAUMAN, 2001, p. 11).

A modernidade, tida como absoluta, enfrenta o derretimento em todos os âmbitos, desde concepções políticas, culturais, relações interpessoais, pessoais, econômicas, ou seja, qualquer tipo de organização estruturada. Para o autor, as primeiras vítimas da modernidade líquida foram as instituições, que durante anos se emolduraram em padrões internos, na tentativa de perpetuação de suas práticas. A “forma” fixa, estabelecidas por essas instituições sofreu um grande derretimento de modo que suas próprias convicções se tronaram relativas.

Alguns elementos emergiram durante esse derretimento como por exemplo o desejo de emancipação individual, a busca da vivência da individualidade, a própria compreensão da vivência do tempo-espaço,

como sendo se existisse um desejo de uma vida instantânea e imediata, também nas relações acerca do trabalho e logicamente da forma de como se constrói e mantém uma comunidade (BAUMAN, 2001). Sobre a questão da emancipação, assim expõe:

A libertação é uma bênção ou uma maldição? Uma maldição disfarçada de bênção, ou uma bênção temida como maldição? Tais questões assombraram os pensadores durante a maior parte da era moderna, que punha a “libertação” no topo da agenda da reforma política e a “liberdade” no alto da lista de valores — quando ficou suficientemente claro que a liberdade custava a chegar e os que deveriam dela gozar relutavam em dar-lhe as boas-vindas. (BAUMAN, 2001, p. 21).

O desejo de emancipação, da utilização da liberdade no cenário do século XX foi uma questão bastante controversa, uma vez que se tinha a liberdade como um valor inerente ao ser humano e por isso seria necessário a utilização de tal valor. No entanto, a própria concepção de liberdade e emancipação não foi bem vivenciada pela prática das políticas aplicadas em relação aos sistemas capitalistas e comunistas. Nesse sentido, cria-se a necessidade da vivência de tal liberdade, que não passa pela ótica política ou econômica.

Um ponto forte, que surgiu do derretimento do modernismo é o individualismo. Antes, o coletivo tinha seu lugar garantido e era comum pessoas lutarem pelo

coletivo, de forma a criar laços profundos de empatia. No entanto, essa realidade foi substituída pela procura da individualidade, Bauman (2001), aponta o surgimento dessa característica:

Em um dos maiores sucessos entre os popularíssimos livros de autoajuda (vendeu mais de cinco milhões de cópias desde sua publicação em 1987), Melody Beattie adverte/aconselha seus leitores: “A maneira mais garantida de enlouquecer é envolver-se com os assuntos de outras pessoas, e a maneira mais rápida de tornar-se são e feliz é cuidar dos próprios.” O livro deve seu sucesso instantâneo ao título sugestivo (Codependent no More), que resume seu conteúdo: tentar resolver os problemas de outras pessoas nos torna dependentes, e a dependência oferece reféns ao destino — ou, mais precisamente, a coisas que não dominamos e a pessoas que não controlamos; portanto, cuidemos de nossos problemas, e apenas de nossos problemas, com a consciência limpa. Há pouco a ganhar fazendo o trabalho de outros, e isso desviaria nossa atenção do trabalho que ninguém pode fazer senão nós mesmos. Tal mensagem soa agradável — como uma confirmação, uma absolvição e uma luz verde necessária — a todos os que, sós, são

forçados a seguir, a favor ou contra seu próprio juízo, e não sem dor na consciência, a exortação de Samuel Butler: “No fim, o prazer é melhor guia que o direito ou o dever.” (BAUMAN, 2001, p. 64).

A mentalidade presente nessa obra citada por Bauman (2001), expressa de forma coerente o desejo do ser humano da atualidade, a busca da felicidade sem passar pela coletividade. A ideia central é o cuidado de si mesmo, procurando se colocar como o ponto onde as coisas ou até mesmo as pessoas devem gravitar, ou seja, a ótica de observação e compreensão da realidade e das relações passou a ser a própria pessoa, a partir, é claro de sua busca de felicidade. O corpo, as emoções e as referências se tornaram pontual, a partir da própria pessoa.

Um dos pontos que devem ser analisados, quando se considera a questão do ser humano na atualidade, é a sua identidade, uma vez que imerso na modernidade líquida todas as dimensões humanas passam a sofrer influência direta do ambiente em que está inserido, uma vez que:

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 7).

O que se entende sobre este fato é que a própria identidade do ser humano é abalada, tornando-se instável e frágil diante das mudanças que a sociedade atual vivencia, também, considera-se uma redefinição do que venha a ser um ser humano, uma vez que diversas ideias sobre o ser humano são amplamente difundidas, provocando interpretações equivocadas e entendimentos limitados acerca da própria realidade. De fato, sabendo que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, 1990, p. 43).

Segundo Hall (2006), a questão da identidade pode ser entendida sob três concepções: a concepção iluminista, sociológica e pós-moderna. Na concepção iluminista, a ser humano, por meio da razão, “totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior” (HALL, 2006, p.10).

Na concepção sociológica, o ser humano e sua identidade são resultados das interações sociológicas internas e externas, neste ambiente o ser humano experimenta a dimensão social e cultural como fatores inerentes à sua identidade, e a partir disso entende-se que a identidade “costura” o ser humano à estrutura da vida social. Nesse sentido, “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2006, p. 12). Este cenário possibilita criar ambientes distintos em todos os campos da vida social, são grupos fragmentados que se redefinem constantemente, tornando-

-se suscetíveis a processo de inconstâncias sociais.

METODOLOGIA

Com base na natureza do trabalho, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, que se trata de uma **pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, além de entrevistas semiestruturadas com moradores do município, que foram pioneiros no local, onde foram analisados os relatos desses sujeitos a partir da análise interpretativa de narrativas. A escolha desse tipo de metodologia está alinhada ao caráter da investigação, uma vez que se busca compreender os processos socioculturais e identitários a partir das interpretações e narrativas contadas.** Adotou-se essas modalidades em virtude de um dos pontos a serem considerados foi o acesso às fontes, a praticidade de pesquisa e a própria configuração com a prática profissional, uma vez que:

Por ser basilar na formação educacional de qualquer indivíduo, a pesquisa bibliográfica deve se rotinizar tanto na vida profissional de professores e pesquisadores, quanto na de estudantes. Essa rotinização se faz necessária pois esse conjunto amplo de indivíduos possui o interesse de conhecer as mais variadas, plurais e distintas contribuições científicas disponíveis sobre um determinado tema. É a pesquisa bibliográfica que oferece o suporte a todas as fases de qualquer tipo de

pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final (FONTANA, 2018, p. 66).

Por meio da pesquisa bibliográfica, tem-se acesso ao que já foi produzido sobre a temática abordada, possibilitando ampliar a visão sobre o assunto de diferentes aspectos, possibilitando que as interpretações consigam abranger os objetivos propostos. **Além disso, essa modalidade permite o diálogo entre diferentes perspectivas teóricas, favorecendo uma análise crítica e comparativa das abordagens.** Nesse mesmo sentido, a entrevista é um “instrumento científico de coleta de dados deve ser o reflexo de um planejamento metodológico consciente e informado” (LEITÃO, 2012, p. 3). Assim:

Entrevistas, questionários e grupos focais são também, por consequência, fortemente voltados para a perspectiva do participante. Ou seja, apesar de envolverem a influência do pesquisador durante a aplicação, esses instrumentos buscam a ótica do outro, buscam o que os participantes apresentam como opiniões, avaliações, concepções e informações (LEITÃO, 2012, p. 6).

Na pesquisa bibliográfica, a leitura de cada obra contribui para ampliar a compreensão do tema e adquirir novos pontos de vista, criando criticidade, pois existem as

comparações de ideias entre os autores. Essa modalidade de pesquisa deu suporte em todas as etapas, desde a escolha das obras até as inferências sobre os textos pesquisados. **Já a entrevista foi utilizada para um aprofundamento empírico, permitindo captar memórias, visões e experiências dos sujeitos. Dessa forma, a teoria e a vivência estão articuladas, possibilitando a integração entre discurso acadêmico e narrativa histórica local.**

RESULTADOS E DISCUSSÕES OU ANÁLISE DOS DADOS

Anapu e os Planos Nacionais de Desenvolvimento (PND)

O nome “Anapu” refere-se ao rio que divide e deu origem à cidade, e origina-se do Tupi “anã” - que significa “forte” - e “Pu” que significa “ruído” (ruído forte). A formação do município ocorreu no início da década de 70 com a abertura da Rodovia BR 230 (Figura 1), popularmente conhecida como “Transamazônica”, sobre o governo militar dirigido pelo general Emílio Médici (1969-1974), no contexto da ditadura militar no Brasil (1964-1985).

Nessa época, a política utilizada no Brasil era referente aos Planos Nacionais de Desenvolvimento (PND), chamados de “milagre econômico”. O objetivo principal visava o desenvolvimento do país, ocasionando, assim, obras gigantes em todo território nacional com o intuito de promover a integração da Amazônia com a região Nordeste. Entre tais obras, realizou-se a abertura da Transamazônica.

Nesse contexto, utilizando o slogan “Homens sem-terra para uma terra sem

Homens”, o governo buscou atrair pessoas para habitar a região. Para isso, foi criado o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para realizar a reforma agrária e manter o cadastro nacional de imóveis rurais, além de administrar as terras públicas da União. Este órgão governamental acabou tendo papel singular na colonização da região, pois foi o responsável em atrair e dar suporte às pessoas interessadas em explorar a localidade.

Nesse sentido, ficou óbvio que, com a propaganda realizada pelo governo, as primeiras pessoas a habitarem a região foram aquelas menos abastadas financeiramente, cujas vinham com o sonho de enriquecer através da grande quantidade de terra na região.

[...] Art. 2.º A primeira etapa do Programa de Integração Nacional será constituída pela construção imediata das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém. § 1.º Será reservada, para colonização e reforma agrária, faixa de terra de até dez quilômetros à esquerda e à direita das novas rodovias para, com os recursos do Programa de Integração Nacional, se executar a ocupação da terra e adequada e produtiva exploração econômica. [...] (PEREIRA, 1971, p. 150)

Mediante a este cenário, os primeiros moradores a ocuparem o local - que mais tarde seria conhecido como Anapu (Figura 2) - foram famílias muito pobres vindas da região Nordeste, mas em maior quantidade oriundas especificamente do estado Mara-



Figura 1 - Rodovia Br 230

Fonte: Silva et al., 2009

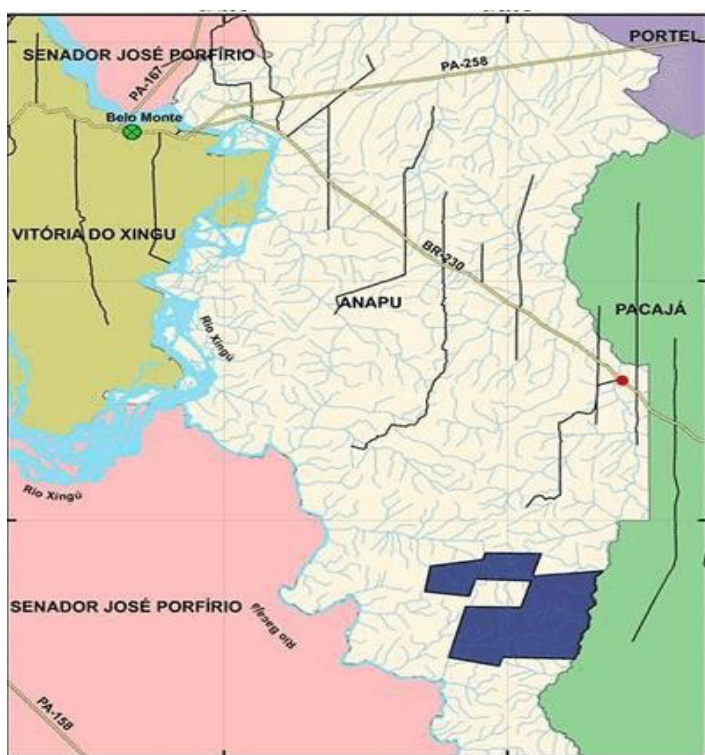


Figura 2 - Mapa territorial do município de Anapu

Fonte: Gomes e Bringel (2016)

nhão. Dessa forma, essas pessoas se atrelaram a alguns poucos ribeirinhos que já vivam no local à margem do rio e, assim, constituíram o povo que formou a primeira vila instalada na região.

No início, a vila formada às margens do rio crescia devido à grande abundância de recursos naturais que podiam ser explorados. Isso começou a atrair mais pessoas, ocasionando uma grande migração de indivíduos de regiões distintas, os quais buscavam melhores condições de vida. Assim, gerou-se um aumento populacional significativo da vila, a qual, conseqüentemente, passou a ter necessidades expressivas em infraestrutura, cujas, futuramente, seriam o elo principal para a emancipação de vila a cidade, ocorrida em 1995.

As dificuldades contadas por uma pioneira do município

Ao tratar sobre o processo de formação de Anapu, inúmeros problemas foram citados pelos pioneiros da região, desde a dificuldade de instalação até as relações interpessoais de indivíduos com costumes e hábitos diferentes. Segundo os autores Eduardo Marandola Jr. e Priscila Marchiori Dal Gallo (2010), o processo de migração é um fenômeno constituído a partir do conhecimento do local e a transformação do indivíduo.

Os primeiros moradores da região relataram que a ocupação começou antes mesmo de chegarem no local, com a promessa feita pelo INCRA de que a distribuição de terras seria feita de forma igualitária às margens da rodovia transamazônica e que, além de terras, seria fornecido um suporte tanto financeiro quanto de mantimentos para as famílias que seriam assentadas. Para tanto, a migração

do ponto de vista existencial, [...] é uma experiência desconcertante, em que as referências espaciais e socioculturais são reconstituídas, num processo que envolve e atinge o próprio cerne da autoidentidade: a segurança existencial. (MARANDOLA Jr.; GALLO, 2010, p. 407).

A exemplo disso, os relatos demonstram que o suporte de acompanhamento e da garantia de subsídios foi bastante limitado, pois a quantidade de famílias que vieram para habitar a região foi bem maior do que a demanda que o INCRA conseguia suportar, gerando a escassez de elementos básicos como alimentos e remédios para as primeiras famílias que se assentaram no local, como pode ser observado no relato da moradora Nazaura Coelho Santos:

A nossa chegada aqui em Anapu foi muito difícil, pois o INCRA prometeu que daria todo o suporte que precisávamos. Quando chegamos nos instalamos primeiramente na agrovila montada pelo INCRA e lá a estrutura realmente era muito boa, o problema foi quando recebemos nosso lote. Ficamos praticamente isolados na floresta pois para chegar alimentos e remédios levavam semanas e até meses, a única saída era pescar e caçar para podermos comer, os remédios eram feitos com plantas que conseguíamos na floresta. Era algo novo que

nós tivemos que aprender pra viver aqui. (Entrevista concedida à autora em 27/06/2024)

Dessa forma, como o PND do governo possuía essa lacuna em relação a mantimentos para os primeiros moradores da então vila, os colonos incorporaram hábitos culturais diferentes de seus costumes, como a extração de produtos naturais da floresta para produzirem remédios, e a tradição que índios e ribeirinhos usavam de caçar e pescar.

Nazaura Coelho foi a primeira moradora da vila, e conta sua experiência perante aos novos costumes adquiridos diante da nova realidade:

Naquela época chovia noite e dia, havia dia que passamos o dia e a noite dentro de casa, não tinha trovoadas não tinha relâmpago nada, era só chuva sem para, e como não dava para plantar e colher por conta da chuva o que a gente comia era caça: carne de porcão, paca, viado, jaboti. E na minha cidade eu não tinha costume de comer esse tipo de comida, mas como não tinha o jeito era comer o que tinha se não passávamos fome. (Entrevista concedida à autora em 27/06/2024)

Assim sendo, foi possível observar que os novos incrementos gerados nas primeiras famílias de agricultores da região e os novos hábitos tornaram-se tradição aos seus descendentes e, também, passaram a ser parte da identidade cultural do futuro município

“Leite e mel” corriam nos rios da Transamazônica

A vila formada à margem da rodovia muito se destacou pela quantidade abundante de recursos naturais a serem explorados. Essa abundância gerou a segunda onda migratória para a região advinda, principalmente, das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Além disso, o aumento do fluxo de pessoas em busca de melhorias de vida gerou impactos na identidade cultural local.

Giomar Guzzo contou como se deu sua vinda para a região da Transamazônica:

Naquela época eu e minha família escutamos na rádio um anúncio do governo falava “terra de homens para homens sem-terra”, “integrar para não entregar”, que nos rios da Amazônia “corria leite e mel”. Isso fez nos interessar para conhecer a região, até por que estávamos passando por um momento financeiro difícil. Vendemos tudo que tínhamos lá na em nossa cidade e compramos uma terra no Anapu, o homem que nos vendeu entregou um papel com algumas informações, viajamos para Altamira, minha mulher ficou, e eu e meu concunhado seguimos. Vim para Anapu para conhecer a terra que havíamos comprado, mas quando chegamos no local no qual estava escrito no documento não havia demarcação de terra, não tinha casa, foi então que percebemos que tínhamos

sido enganados. Então, passamos a viver dos recursos da floresta e com o tempo as coisas foram melhorando, mas o começo foi muito difícil até que nossos conhecidos nos ajudaram a permanecer já que não tínhamos condições de retornar. (Entrevista concedida ao autor, em 28/06/2024)

Conforme visto, tradicionalmente, o município foi habitado por pequenas famílias de agricultores nordestinos que incorporaram em seus costumes os hábitos de povos ribeirinhos. Com a vinda de outros habitantes de diversas regiões do país, esses hábitos foram acrescidos com elementos culturais diferentes, gerando uma diversidade cultural no local.

Desde a criação da vila até aos dias atuais, alguns elementos culturais se destacam pela origem de formação de seu povo, como a Exposição Agropecuária de Anapu (Expo-ana) que exalta elementos oriundos de tradições do campo como a cavalgada, o rodeio e a exposição de animais. Como também as festas juninas - comemoradas há séculos, principalmente no Nordeste, região de onde migraram os pioneiros de Anapu - e a romaria da floresta - manifestação da igreja católica em defesa da preservação dos recursos naturais presentes no meio ambiente.

Nesse sentido, pode-se afirmar que todos esses elementos foram formadores da identidade cultural da região, a qual, por sua vez, incorporou sua identidade própria a partir de elementos culturais provenientes de outras regiões ocasionando um hibridismo cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a presente pesquisa, constatou-se que no processo de construção de uma população, o hibridismo e os processos identitários desempenham fatores inerentes a ele, isso devido a dinamicidade de ambos, que possibilitam interações construtivas nos contextos históricos, culturais, sociais e econômicos. **A identidade, nessa perspectiva, deve ser entendida a partir de uma construção histórica e relacional, que é influenciada de modo permanente pelos deslocamentos populacionais, políticas públicas e experiências vividas no território, neste caso, em Anapu-Pa, e a identidade local, desse modo, é híbrida, e um processo de constante transformação.**

Ao visualizar o ambiente do município de Anapu, constata-se que a atual população é o resultado de vários encontros de diversas identidades culturais, sejam a partir de sujeitos que fixaram ou que apenas de passagem deixaram sua contribuição identitária cultural, mas que **produziram uma sociedade plural, que se adaptou, teve conflitos, cooperações e reinvenções.** Neste cenário, o município de Anapu em sua vivência histórica se apresenta como o resultado de ressignificações culturais, destacando a complementariedade das diversas expressões identitárias de pessoas que compõem o município. Nesse sentido, destaca-se que a identidade do município de Anapu não está definida e estática, pelo contrário está em transformação e sempre dialogando com outras expressões identitárias, este fato contribui para coexistência de tradições, tendo como base o antigo e a sua projeção no tempo e espaço pelo novo. Essa característica confirma como se constrói a identidade cultural, sendo um processo contínuo a partir

das experiências coletivas e das transformações socioeconômicas.

Destaca-se que a identidade da população de Anapu é enriquecida pelas diversas interações culturais ao longo de sua história, por isso deve-se reconhecer a presença do hibridismo como elemento essencial na construção e efetivação desse processo identitário, já que existe a pluralidade cultural viva e atuante capaz de modificar, no sentido de inovar, utilizando a diversidade de cada pessoa, o espaço limitado por fronteiras, mas ilimitados por riquezas ressignificadas de cada morador. **Dessa forma, compreender o município implica reconhecer que sua identidade é constituída por várias camadas históricas e culturais que seguem em constante transformação.**

Em suma, este estudo, a partir de uma análise empírica localizada, contribui ao demonstrar como políticas macroestruturais de desenvolvimento, como o PND, impactam diretamente na construção e na formação das identidades das comunidades amazônicas, a partir da articulação da memória social e do referencial teórico contemporâneo sobre identidade e hibridismo, compreende-se acerca dos efeitos culturais dos projetos de integração nacional, destacando que o desenvolvimento territorial implica nas transformações simbólicas e culturais. Por fim, espera-se, a partir dessa pesquisa, que novos estudos relacionados à temática sejam elaborados.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.
- CORRÊA, Erika C.; HAJE, Marivalda M. **Mulheres na luta pela terra**: a experiência do MST em Anapu. Brasília: Edições Câmara, 2011.
- DIAS, Maria Célia. **Amazônia**: a construção de um espaço. São Paulo: Editora da USP, 1998.
- ENNES, Marcelo Alario; MARCON, Frank. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222014000100010>. Acesso em: 25 jan. 2025.
- FONTANA, F. Técnicas de pesquisa. In: MAZUCATO, T. (org.). **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis, SP: FUNEPE, 2018.
- GOMES, Flávio. **Colonização e resistência na Amazônia**: séculos XVII e XVIII. Belém: Paka-Tatu, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEITÃO, Carla. A entrevista como instrumento de pesquisa científica: planejamento, execução e análise. In: **Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação**. SBC, 2024. Disponível em: https://ceie.sbc.org.br/metodologia/wp-content/uploads/2024/05/livro3_cap4_Entrevista.pdf. Acesso em: 31 mar. 2025.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MARANDOLA JR., Eduardo; GALLO, Fernanda. O lugar na modernidade tardia: entre o enraizamento e a fluidez. In: HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). **Fenomenologia e Geografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 401-424.

MIRANDA, Denis de. **A construção da identidade do oficial do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2018.

MOREIRA, Antonio Flavio; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). **Currículo, práticas pedagógicas e identidades**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NORONHA, Danielle; MARCON, Frank; SOUZA, Marco Aurélio Dias (Orgs.). **Processos identitários: sentidos de nação e democracia**. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2022.

PEREIRA, Osny Duarte. **A Transamazônica: prós e contras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALLES, Vicente. **O negro na Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Editora da USP, 1998.

VASCONCELOS, Simão Vasconcelos de. **Identidade e representação cultural das populações ribeirinhas**. Belém: Editora Açai, 2010.